

HISTÓRIA DE FÉ E RESISTÊNCIA ANCESTRAL

LIMA, Valéria. *Mãe da Liberdade: A trajetória da Ialorixá Hilda Jitolu, matriarca do Ilê Aiyê*. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2024. 218 p.

HISTORIA DE FE Y RESISTENCIA ANCESTRAL

LIMA, Valéria. *Mãe da Liberdade: A trajetória da Ialorixá Hilda Jitolu, matriarca do Ilê Aiyê*. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2024. 218 p.

Marcos Rodrigues¹

DOI: <https://doi.org/10.26512/revistacalundu.v9i1.57117>

A jornalista e pesquisadora Valéria Lima acaba de publicar a história de vida de sua avó, Mãe Hilda Jitolu (1923-2009), a matriarca do bloco afro Ilê Aiyê. O livro surge como uma ação afirmativa sobre o lugar de uma mulher negra na história da nossa diáspora africana. Certamente é um modelo para outras iniciativas que venham a preencher lacunas sobre nossas personalidades negras. A narrativa produz um discurso reparador como poucos na Bahia, trazendo à luz das discussões o perfil de uma líder fundadora de um terreiro de candomblé, ativista, educadora e principal consultora para a criação do Bloco Ilê Aiyê, em 1974.

Constitui-se assim uma história que vai do Curuzu à Serra da Barriga, do Axé Jitolu ao Ilê Aiyê, do barracão do terreiro que virou sala de aula para a comunidade do bairro ao instituto de ação social. O nome de Mãe Hilda figura no panorama histórico da Bahia como uma mulher de axé que se tornou referência e liderança na comunidade do Movimento Negro Brasileiro. Quem sobe ou desce a ladeira do Curuzu, no bairro da Liberdade, em Salvador, não passa indiferente à sede do Bloco Ilê Aiyê e ao terreiro Ilê Axé Jitolu, guardiões da trajetória da líder religiosa Hilda Dias dos Santos.

Mestre em Estudos Étnicos e Africanos, Valéria Lima faz parte da terceira geração da família e agora entra na linha mais recente de jovens negros pesquisadores dos estudos etnológicos, agregando também a função de diretora-executiva do Instituto da Mulher

¹ Universidade Federal da Bahia. e-mail: jnbr@bol.com.br.

Negra Mãe Hilda Jitolu, idealizado por ela. Teve a rara felicidade de realizar uma pesquisa acadêmica a partir de sua história familiar e agora nos premia com esse registro que mantém acesa a chama da memória daquela que foi uma líder religiosa e conselheira do bloco afro que alterou a conduta do negro em Salvador. Em boa hora, lança esse trabalho oportuno, disponível à reflexão das questões étnico raciais da nossa diáspora africana e seus desdobramentos.

Com uma narrativa etnográfica, o livro faz uma breve abordagem sobre a reorganização do Movimento Negro em Salvador e seus efeitos para a comunidade em luta contra exploração econômica, a exclusão social e pela preservação das africanidades. A autora enfatiza como Mãe Hilda buscou superar as dificuldades em favor da dignidade humana no seio da própria família, e com a vizinhança, utilizando seus saberes e conhecimentos tradicionais. Assim, a narrativa deixa claro o legado dessas ações e a importância de preservar e valorizar a identidade cultural africana.

Logo na apresentação a autora declara que resgata a sua própria história e por extensão da sua família. E segue explicando:

Muitos pensam que essa é uma tarefa simples, pois minhas principais fontes convivem comigo. São meus tios, minha mãe, minha tia. Acredito que ser neta da biografada, em uma pesquisa, não é muito comum na academia, mas permite viver essa experiência. Mergulhar nessa história é realmente fascinante e através dela resgatei informações que se perderam no tempo e no espaço. Montar esse quebra-cabeça familiar foi uma árdua missão, porém, profundamente satisfatória. (p. 13)

A narrativa explora o espaço geográfico da cidade e recupera os deslocamentos feitos por Mãe Hilda para contextualizar uma história de vida até então restrita a uma parcela da população por meio da oralidade. Neste momento moderno de tecnologias hierarquizantes em que a memória é algo tão efêmero, o livro *Mãe da Liberdade: A trajetória da Ialorixá Hilda Jitolu, matriarca do Ilê Aiyê* vem ocupar um espaço de luta e resistência de uma comunidade marcada pela diferença e pela desigualdade social. Esse registro perpetua a memória social como um convite ao leitor para refletir sobre as razões de se resguardar o patrimônio das culturas de origem africana.

Conforme a escrita sugere e comprova, Mãe Hilda tinha preocupação com a formação das pessoas e por isso dispôs as dependências do seu terreiro para a criação de uma escola na rua do Curuzu, onde a política pública de educação ainda não alcançava as

crianças da comunidade. A autora do livro conta que foi criada no andar de cima da casa da avó. Para ela, a trajetória de Mãe Hilda abriu caminhos e é fundamental até hoje em diversas frentes: no candomblé, nos blocos afro, na ação afirmativa da beleza e na liderança política da mulher negra brasileira.

A narrativa avalia brevemente a conjuntura mundial dos anos de 1970 na África e na diáspora, e ainda o contexto em que ressurgiu a organização do Movimento Negro com sua nova configuração de luta. A independência de países africanos de expressão portuguesa e a criação do Dia da África, pela Organização das Nações Unidas (ONU), estão entre os fatos de grande influência para a fundação de várias entidades voltadas às questões raciais na Bahia.

O volume, cujo conteúdo é dividido em oito partes, enfatiza a importância de reconhecer a história de luta das mulheres negras, ainda pouco lembradas, no seu papel de conscientização e valorização social. Uma marca a ser observada no livro é que cada parte tem como título na folha de rosto um verso do repertório musical do Ilê Aiyê. A discussão delineia avanços significativos na comunidade em áreas como a religiosidade, a educação, a ação social e a cultura. Valéria Lima propõe que a luta do Movimento Negro deve prosseguir com as futuras gerações para o seu respectivo fortalecimento no espaço ocupado pelo feminismo negro.

Nesse livro temos o perfil de uma grande incentivadora da educação do povo negro na periferia da cidade. Segundo o relato da autora, por mais de 50 anos Mãe Hilda esteve à frente do terreiro, de onde todos os anos dava início aos trabalhos do Ilê Aiyê para o carnaval. Importante frisar que se trata de uma narrativa agradável e objetiva, disposta a elucidar nomes, fatos, ações e lugares fora do eixo midiático, ainda percebidos na linha da subalternidade. Assim, a autora se propõe a subverter o discurso hegemônico de uma história sempre voltada aos interesses da classe dominante.

O livro reforça a luta pela valorização e reconhecimento das lideranças religiosas de matriz africana. Percebe-se pelos depoimentos que essa história vivida em comunidades, ainda não contada, é tão antiga quanto a nossa existência e precede a nossa modernidade tecnológica. A trajetória de Mãe Hilda permeia as diversas etapas vividas fora da construção histórica convencional da capital baiana, onde os dados apontam o maior contingente negro fora da África. Suas ações afirmativas já configuravam uma política de reparação, sem a ciência do poder público.

Entre outros destaques, o livro chama a atenção pela riqueza iconográfica. Ao longo da narrativa, é grande o impacto das ilustrações apresentadas entre fotografias, gráficos, matérias de jornal e outros documentos, que vão da capa e contracapa até a última parte intitulada *Imagens de arquivo*. Certamente, trazem recordações de quem já frequentou ou testemunhou algum daqueles momentos na ladeira do Curuzu. Tais ilustrações ampliam o leque de representatividade e tornam ainda mais agradável a leitura sobre a história de vida de Mãe Hilda.

Apesar de ser uma tendência ainda latente no meio científico, a leitura iconográfica tem crescido nos estudos étnicos como uma forma de descolonizar o olhar. Embora não discuta o assunto, a autora lança mão do recurso para unir texto e imagem. Com isso, o discurso imagético pode levar o leitor a refletir sobre o comportamento humano contemporâneo, o momento histórico, ou vários momentos históricos, aliado a outras formas de leitura, chegando inclusive a uma relação dialética.

Com essa publicação, Valéria Lima reafirma uma estratégia de memória e resistência disposta a romper a fronteira da oralidade na comunidade negra e combater o pouco reconhecimento de suas lideranças. E ao mergulhar na própria genealogia, a autora apresenta um lugar de representatividade para a população negra por meio do aspecto biográfico.

No livro, ela apresenta elementos importantes para a compreensão da história da comunidade negra e da trajetória de Mãe Hilda, certamente conhecidos por poucos. Entre eles: 1- a quinta das beatas (hoje Cosme de Farias), bairro onde nasceu; 2- a primeira iniciação religiosa na nação angola. 3- a fundação do terreiro Axé Jitolu, em 1952; 4- a fundação do Bloco Ilê Aiyê, em 1974; 5- ser a única ialorixá a subir a Serra da Barriga; 6- foi tema do Ilê Aiyê no carnaval, em 2003; 7- Prêmio Nacional de Direitos Humanos e indicação para o Prêmio Nobel da Paz, em 2005; 8- a criação do instituto que preserva sua memória, em 2023. Como elemento mais recente, o Instituto da Mulher Negra Mãe Hilda Jitolu foi criado para atuar na preservação da história e do legado de personagens femininas com trajetórias sociais relevantes, a partir da matriarca e líder religiosa que lhe empresta o nome.

O livro ressalta as contribuições marcantes do Ilê Aiyê para a cultura da cidade e discute a sua criação e o seu desenvolvimento. A autora enfatiza o quanto foi importante a participação de uma mulher negra, líder religiosa, em meio ao pragmatismo político, na orientação do bloco para sair no carnaval desde o primeiro ano. Ao que parece, fica

evidente o valor de uma consciência histórica para transgredir e seguir na construção de um discurso afirmativo de reparação contra os efeitos colonizadores e para o resgate da autoestima.

Ao concluir, portanto, como pensar a leitura de um livro a partir do encanto da capa e seguir o seu conteúdo sem perder o fôlego devido ao grande volume de informações? O texto em discussão leva a entender que a importância política da mulher negra, na construção de uma identidade coletiva e na superação de obstáculos, está na linha de raciocínio da autora. Com isso, *Mãe da Liberdade* chega ao mercado editorial como uma produção de essência nos estudos étnicos e fomenta o sentimento de orgulho da herança ancestral. O livro desafia as narrativas históricas excludentes e busca reverter o apagamento das memórias da população negra na Bahia.

Considerando a importância da memória de Mãe Hilda, esse livro tem lugar não apenas na categoria bibliográfica, mas também como um documento no âmbito das questões raciais cujo conteúdo ainda estava ao sabor do vento e da oralidade. O momento urge pelo registro e preservação do legado de mulheres negras que fazem a nossa história e esse trabalho de Valéria Lima, certamente, deve inspirar iniciativas outras no exercício da arte de contar histórias pela prática epistêmica decolonial. A narrativa simboliza um alerta para futuras gerações de que a luta deve continuar na promoção do conhecimento, contra o racismo e todo tipo de intolerância e discriminação.

Recebido em: 04/02/2025

Aceito em: 24/06/2025